

Edifício Cruzeiro

Primeiro centro comercial português corre risco de demolição

GECORPA | Grémio do Património

O chão dos corredores largos era revestido a calçada portuguesa, com setas a indicar a obrigação de circular pela direita. No primeiro andar, lojas para senhoras. Um ringue de patinagem, um cinema, dancings, um salão de fado e outro de jogos juntavam-se ao lote de 40 estabelecimentos. Por cima da porta da entrada, com caixilho singelo, a palavra “Cruzeiro”. Foi assim batizado o primeiro centro comercial português.

A construção começou no Estoril, em 1947, juntando traços do Modernismo dos anos 30 e de uma linguagem mais regionalista, muito comum em Portugal na década de 40. O projeto de Manuel António da Cruz e João da Cruz, porém, nunca chegou verdadeiramente a ser o palco de inovação e atividade idealizado.

Apesar do dinamismo trazido ao Estoril com o fervilhar da Segunda Guerra Mundial, o Centro Comercial foi inaugurado já após o fim do conflito, quando os exilados e turistas de elite que haviam ocupado a região se movimentavam para outros mercados, analisa Sandra Vaz Costa, Técnica Superior da Direção-Geral do Património Cultural.

Também a população do Concelho de Cascais, “maioritariamente constituída por residentes de segundas habitações, as de veraneio, não estava ainda preparada para um comportamento mais cosmopolita que este equipamento exige”, acrescenta, pelo que o Centro Comercial “não alterou os hábitos nem os comportamentos” dos residentes.

Da época dourada da construção do Cruzeiro não sobram muitos vestígios no concelho. Há “apenas algumas vivendas, alguns hotéis, ainda que já transformados”, nota Paulo Ferrero, do movimento cívico “Cidadania Cascais”. “Restam memórias, em texto e fotos”.

Também o Cruzeiro corre o risco de vir a tornar-se apenas uma memória. Carlos Carreiras, o autarca de Cascais, não vê na preservação do edifício, que não está classificado, uma prioridade. O banco BPI, proprietário do Centro Comercial, anunciou a intenção de demolir o Cruzeiro e construir no seu lugar um edifício habitacional de quatro pisos. Um projeto, acusa Ferrero, “totalmente dissonante com o destino turístico e a vivência que a Câmara Municipal de Cascais diz defender para o Estoril”.

“O Cruzeiro marca uma época de transição nos critérios de projeção de modelos arquitetónicos comerciais”, considera Filipe Ameixa, que dedica a sua tese de mestrado em Arquitetura, no ISCTE - IUL, ao estudo desse edifício. Ao Cruzeiro acresce o valor de “fazer verdadeiramente parte de muitas vidas e gerações monte estorilenses, facto que certamente o inscreve na História de uma localidade tão especial”. Dados que, para os responsáveis pelo edifício, parecem não ser suficientes. “A classificação do Centro Comercial Cruzeiro foi tentada junto da Câmara Municipal de Cascais por mim mesmo e pelo “Cidadania Cascais”, há poucos anos”, afirma Ferrero. “Até agora, não houve reação de quem de direito”.

Contactados pelo Grémio do Património (GECORPA), nem a Câmara Municipal de Cascais nem o BPI consideraram pertinente prestar declarações sobre o assunto ■





3 4



em quase todas estas manifestações decorativas é possível identificar simbologia referente ao Ultramar.

Depois do fecho da agência, nos anos 70 do século XX, o edifício é deixado ao completo abandono e, na década de 90, é totalmente descarnado deixando à vista todo o esqueleto de tijolo e betão armado em quase 80 por cento do seu interior. A destruição acontece de cima para baixo, o que acaba por possibilitar a sobrevivência de alguns elementos nos pisos inferiores, uma vez que é ordenada a interrupção da destruição assim que é finalmente compreendido o interesse do projeto.

Do vasto programa desenhado por Cristino da Silva ficam a restar apenas algumas divisões, que deixam à imaginação a excelência arquitetónica de outros anos.

Hoje: o MUDE

É neste ponto que se instala, em 2009, a nova e atual função do corpo edificado, um museu português dedicado ao Design. Após o grande portal, o rés-do-chão é o espaço mais emblemático, onde a grande zona de atendimento ao público de antigamente é agora o espaço de exposição permanente. Desapareceu toda a zona de trabalho central, que seria revestida a pau-santo, mármore, alumínio e aço inoxidável, existindo agora apenas um esqueleto central e várias colunas descarnadas. O grande balcão que percorre o espaço inteiro é o elemento caracterizador atual que subsiste, assim como os pavimentos de mármore e as escadarias em alumínio, em contraste com os tetos, colunas e a maioria das paredes, hoje totalmente despídos. No piso acima é possível encontrar ainda divisões com alguns revestimentos e iluminação originais, nomeadamente as duas salas de reuniões do Conselho de Administração, assim como o átrio da Administração, que mantém azulejaria e revestimentos em mármore. Nos pisos superiores, cada vez menos vestígios

se conseguem encontrar, uma vez que estes se encontram totalmente descarnados na quase totalidade do edifício.

Apesar de cada espaço ter um lugar assinalado nas vivências de cada um, o passar do tempo obriga a enfrentar o conflito das “boas condutas”. Isto é, será, cada vez mais, necessário contemplar e advertir para as opções tomadas que justificam as mudanças, e as respetivas consequências na eventual destruição elementos de valor patrimonial.

No entanto, nesta situação o desfecho de alguma forma socorre a perda violenta destes valores: assume o erro com um

1 | Antiga zona de atendimento ao público.
© Mário Novais, s.d.; Col. Espólio Luís Cristino da Silva; FCG-Biblioteca de Arte

2 | Sala de Reuniões do Conselho de Administração “Pereira Coutinho”.
© Mário Novais, s.d.; Col. Espólio Luís Cristino da Silva; FCG-Biblioteca de Arte

3 | Estado atual dos interiores.
© Luísa Ferreira

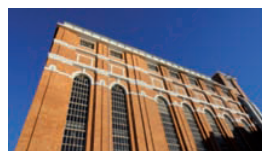
4 | Zona de exposição permanente – Piso 0.
© Luísa Ferreira

ambiente atípico e cru, e oferece o antigo e valioso ao mesmo tempo como clássico e contemporâneo, e não como obsoleto e antiquado. Que sirva de lição ■



Reabilitação do Património Edificado, Lda

A reabilitar desde 1989



1. Restauro de fachadas no Convento de Cristo, Tomar
2. Consolidação de canhoesiras no Fortim de S. Domingos, Elvas
3. Reabilitação de fachadas no Museu da Electricidade, Lisboa
4. Consolidação de ponte Românica, Vila do Conde
5. Restauro de paiol no Fortim de S. Mamede, Elvas
6. Reabilitação de coberturas no Convento de Cristo, Tomar

